

Aos pés das letras – antologia podólatra da literatura brasileira

Organização Glauco Mattoso e Seraphim Pietroforte

A percepção dos pés

Seraphim Pietroforte

sadomasoquismo e fetiche por pés

Assim que terminamos a *M(ai)S – Antologia SadoMasoquista da Literatura Brasileira*, eu e o Glauco Mattoso iniciamos a organização de outra antologia, isto é, uma antologia dedicada ao fetiche por pés.

Entre os brasileiros, o sadomasoquismo talvez se pratique mais frequentemente do que se imagina, no entanto, ainda não parece parte do nosso imaginário cultural, suficientemente, para dar forma a uma literatura SM, enquanto o fetiche por pés, de modo distinto, ocorre bastante. Por ser menos agressiva, a podolatria admite brandura na expressão; admirar pés suaves e delicados distancia-se dos aparatos – cordas, algemas e chicotes – implicados no sadomasoquismo. SM e podolatria, todavia, aproximam-se, pois os pés oprimem quando pisam ou sofrem quando são maltratados; em Wilma Azevedo, há essa confluência... em Glauco Mattoso, tal relação é constante... eu nunca consegui fazer de outra maneira. Certa vez, em uma cachoeira, minhas amigas se despiram da parte superior dos biquínis e eu a olhar para baixo, em busca dos pés descalços.

entre o vestido e o despido

Nas gradações da nudez, apresentar-se sem roupas coincide com estar, necessariamente, desnudo, contudo, em alguns contextos, o “nu” não se confunde com o “pelado”, porquanto se reserva, para o primeiro conceito, matizes de erotismo nem sempre presentes no segundo; creio haver ligeiras diferença entre ver fotos de pessoas peladas por aí e admirar exposições de nus artísticos de Botticelli a Mapplethorpe. Talvez, o pornográfico siga pelado, o erótico ande nu... nessas discussões lexicais, raramente se abandonam os domínios da sexualidade, entendendo sexo do ponto de vista das paixões eróticas e não enquanto etapa da reprodução biológica. Tal denotação

do sexo, designando fins reprodutivos, não exige o gozo; para muitas religiões, evitam-se os prazeres eróticos, identificando-os, assim, aos pecados da luxúria.

Em livros de anatomia há *corpos nus*, no entanto, não me refiro a *corpos* dissecados nem às sequências de páginas com humanos perdendo a pele, expondo tendões, músculos, os órgãos e, por fim, os ossos; melhor pensar nas imagens que expressam as diferenças do dimorfismo sexual entre machos e fêmeas. Nesse discurso, o corpo humano se concebe enquanto máquina, com omissões do erotismo a favor da objetividade das ciências ditas da natureza; salvo algum fetiche relacionado a medicina, diagnósticos, autópsias ou dissecações, a sexualidade conotada de paixões eróticas se encontra excluída dos livros de anatomia humana... neles, os pelados não são pornográficos nem os nus, artísticos.

por uma retórica da nudez

Criam-se, dessarte, gradações da nudez; determinam-se, dessa perspectiva: (1) valorizações práticas, quer dizer, qualificações médicas, biológicas, científica; e (2) valorizações míticas, próprias dos liames entre o gozo e o sexo, isto é, surgem paixões eróticas, ou, dependendo da moral envolvida, paixões pornográficas. Nesse campo erótico-discursivo, as articulações entre o vestido e o despido, às vezes, importem tanto quanto estar completamente desnudo. Indubitavelmente, cabe às roupas proteger, isso confirma sua função prática – do mesmo modo, o sexo serve à reprodução das espécies –; as roupas, porém, investem-se de conotações sociais capazes de valorizá-las miticamente, deixando, ocasionalmente, de proteger para salientar partes despidas – travestis e madrinhas de casamento, durante invernos rigorosos, expõem ombros, braços e pernas –; não raramente, pretere-se o conforto em nome da elegância – parece o caso de gravatas apertadas, saltos altos, espartilhos constrictos, sutiãs justos demais –.

Retomando os *corpos nus* dos livros de anatomia, verifica-se, na maioria das vezes, a presença de desenhos e não de fotografias. Como se explica isso? A linguagem da fotografia implica referentes externos em sua semiótica, tornando os corpos fotografados imagens de seres concretos e específicos, enquanto a linguagem do desenho se revela mais abstrata, permitindo indeterminar aqueles corpos, próximos antes das máquinas que de seres humanos. Além disso, nesses desenhos os corpos carecem de adereços, maquiagens, cortes de cabelos, marcas culturais tais quais brincos, piercings, tatuagens; faltam-lhes poses sugestivas, eles surgem eretos, estendidos e

frontais. Isso posto, define-se, nessa retórica, algo como o grau zero do corpo, com corpos apenas da ordem da natureza, supostamente isentos de traços culturais. Uma vez vestidos, as marcas culturais se expressam nos corpos; entre as conotações, as roupas e demais adereços podem dotar o corpo vestido de significados eróticos, surgindo fetiches sexuais em chapéus, roupas íntimas, roupas de couro, trajes de baile, trajes de banho, calçados, uniformes etc.

Assim, do despido sem conotações culturais ao corpo vestido com erotismo, a insinuação de um gesto basta para dar conotações eróticas ao corpo nu, porquanto basta um gesto para deslocar o corpo ereto, estendido e frontal, de seu suposto grau zero; os nus artísticos se expressam assim, há no mínimo uma pose para enfeitar os corpos desnudos. Contrariamente, do vestido ao despido, projetam-se outras conotações eróticas no despir, dos simples atos de se desnudar ao *strip-tease*, da procura pelas partes expostas nos caminhos das roupas às exposições francamente deliberadas.

Dessa forma, quando, do vestido ao despido, o admirador do corpo projeta recortes nesse processo, fragmentando-o e detendo-se nas partes isoladas ao enfatizar suas fixações, desdobram-se paixões fetichistas. Na admiração do desnudamento, isolar as partes e o todo pode acontecer sistematicamente, o *strip-tease* e a dança de sete véus exemplificam isso; nessas performances, isolam-se partes nuas quando as peças de roupa se deixam de lado, uma de cada vez; à espera do corpo nu, tais partes conduzem, no rito instaurado, a exposição do todo. Todavia, quando, na relação *totalidade vs. parcialidade*, o último termo se impõe sobre o primeiro, aparecem os fetiches sexuais não mais em botas, luvas e chapéus, mas em cabelos, mãos e nos pés descalços.

As partes do corpo, mais do que metonímias, tendem à personificação; nos extremos, a parte idolatrada se singulariza, com tanta ênfase, que ela, destacando-se da pessoa, ganha animação própria, fazendo o dono do corpo perder importância... importam seus cabelos, seus pés, suas mãos. Em exposição deliberada ou casual, feito alguém mexendo nos cabelos ao se livrar do vento ou descalçando-se a fim de descansar, a parte garante a totalidade da nudez, bastando para, mesmo com as demais partes vestidas, o corpo ser percebido nu; outras vezes, tais fetiches dependem antes dos percursos do olhar arrebatado que de gestos e poses de quem se admira.

aquilo que punge

Em *A câmara clara*, Roland Barthes lança mão de dois conceitos com o propósito de garantir, em meio às considerações teóricas e objetivas elaboradas sobre a fotografia, espaço para reflexões subjetivas; trata-se dos conceitos de *punctum* e *studium*. Em linhas gerais, o *studium* compreende as abordagens semióticas, históricas, antropológicas, psicológicas, enfim, as abordagens analíticas, enquanto o *punctum*, por sua vez, revela-se aquilo que punge; aquilo que punge se evidencia, em um texto específico, o elemento no qual alguém, precisamente, detém-se por motivos quase exclusivamente pessoais.

Nos exemplos d'*A câmara clara*, Barthes, após algumas observações da ordem do *studium*, aponta os detalhes preferidos: uma gola, uma fivela de sapato, um colar... ou melhor, o *punctum* em cada um deles. Em princípio, tomado aleatoriamente, Barthes não remete o *punctum* a causas psicológicas, históricas ou semióticas, capazes de determiná-lo; todavia, ao ser pungido pelo colar de uma das personagens das fotografias, reconhece rememorar, com ele, um dos colares de sua avó, sugerindo que, dessarte, o *punctum*, além da simples pungência, também seja aguçado por outros motivos.

Para o podólatra, os pés sempre pungem; quanto a mim, quer imagens das Vênus renascentistas ou das santas barrocas quer fotografias de atrizes, cantoras, modelos ou de minhas amigas, se estão descalças, olho inevitavelmente para os pés... não há necessidade de imagens visuais, a palavra basta para descrever mulheres descalças na literatura... mesmo quando os pés não expressam o tema central da obra, o olhar podólatra termina por projetar seus anseios e realiza, onde muitas vezes não há, tal tematização erótica.

Recorrendo a dois exemplos, não no universo da fotografia, mas da poesia brasileira contemporânea do início do século XXI, eis os primeiros versos do poema “A luz da lua”, de Elizandra Souza:

A lua admira seu corpo seminu
nesses sujos trapos
seus pés descalços
continuam assim tão belos
esse se banhar sem água
atrás dessas árvores

Na continuação dos versos, descreve-se uma moradora de rua maltrapilha, mas cuja beleza e majestade não são apagadas pela miséria de suas condições sociais; cuida-se de, mediante a poesia, revelar, isto sim, uma rainha oprimida. Nessa descrição, os pés descalços, embora continuem “tão belos”, conotam a pobreza, porquanto desnudos e desprotegidos; entretanto, indicam, ainda, a complexificação da penúria com a formosura. Trata-se de uma metonímia; os pés, porém, parte pelo todo não apenas do corpo, mas da personagem e de suas características, remetem tanto à miséria quanto à nobreza da moradora de rua.

O segundo exemplo é o poema “Batuque na calada”, de Pedro Rocha, cujos primeiros versos são estes:

batuque na calada
 ela sai descalçada
 nem para na esquina
 que me esqueceu
 de me chamar pra batucar
 com ela camela
 na calada daquela esquina
 do ano passado
 no carnaval que era
 aquela época era
 caramela
 purpurina
 serpentina
 minha mina
 agora sai descalçada

No poema, descreve-se outra moça, descalçada não pela pobreza, mas para sambar; em versos festivos, mesmo saudoso e quase abandonado, o poeta celebra a erotização das danças e dos ritos de carnaval expressos na moça sambista. Dessarte, ele não se fixa nos pés sambando descalços; no caso, os pés importam na construção da figura da jovem, mas não a caracterizam exclusivamente, porquanto o suor e os aromas das demais partes corpo parecem tão relevantes quanto eles:

(...)
 batuque na calada descalçada
 suada sebosa
 saída da tuba
 jocasta
 gostosa
 (...)

(...)
 batuque na calada
 fedorenta
 descalçada
 pra nem carinho

Ao que alguns versos indicam, o suor e os pés descalços se relacionam ao desleixo sexual da mocinha sambista. Em vista disso, tanto em “A luz da lua” quanto em “Batucada na calada” não se tematiza, a rigor, a podolatria; todavia, embora se reconheça o valor literário dos poemas, seja semanticamente seja mediante soluções prosódicas e fonológicas engenhosas, são nos pés descalços que me fixo na fruição dos versos.

a sinestesia dos pés

Encaminhado pelo olhar ao desnudar o corpo, a podolatria, outrossim, desenvolve-se em outros sentidos. Entre os pés nus e calçados, o podólatra admira coturnos, botas, saltos-altos, sandálias, tornozeleiras, unhas pintadas, tatuagens nos pés, pois cercar a parte enfocada ou remeter a ela desencadeia tal fetichismo; ao lado desses ingredientes, capazes de revestir os pés com conotações próprias de calçados ou de adereços, há outras formas de perceber aos pés além dos olhos: (1) Dennis Cramer, em seu longo conto *Falling into place*, descreve os pés de Mara sempre lisos e macios, apesar de sujos e feridos nas desventuras da moça; (2) Franco Saudelli, artista de HQs, embora ofereça aos olhos, mediante desenhos, os pés das personagens, insere, nas tramas, sujeitos seduzidos pelo som de pés caminhando descalços; (3) Glauco Mattoso se delicia ao descrever pés mal cheirosos; (4) o mesmo Glauco criou a massagem podolinguar... na podolatria, os pés se revelam fontes de prazeres e sinestésias.

do *punctum* ao podo

Entre os vários modos de ser pungido pelos pés, em *Aos pés das letras – antologia podólatra da literatura brasileira*, optamos por textos que, explicitamente, tematizam as muitas formas da podolatria. Há neles, sem dúvida, pungência pelos pés; o leitor encontrará, inevitavelmente, intenções podólatras e não apenas aquilo que suas fixações sempre buscam em quaisquer lugares. Dessa maneira, embora o escritor não se classifique, necessariamente, enquanto “militante” da podolatria, ele, ao tematizá-la, torna-se um podólatra eventual, apto a ser reconhecido pelos mais constantes.

Por fim, a antologia se divide em três partes: (1) na primeira, constam os textos literários, selecionados entre contos, fragmentos de romances e poesias; (2) na segunda, apresentam-se depoimentos colhidos na internet; (3) na terceira e última parte, alguns poetas glosam, em literatura de cordel, um mote composto pelo Glauco Mattoso. Para concluir, do *punctum* ao podo, um fetiche, acima de tudo, com palavra.

bibliografia

- BARTHES, R. (1984). *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- MATTOSO, G. e PIETROFORTE, A. V. (2008). *M(ai)S – antologia SadoMasoquista da literatura brasileira*. São Paulo: DIX.
- ____ (2011). *Aos pés das letras – antologia podólatra da literatura brasileira*. São Paulo: [e] editorial.
- PIETROFORTE, A. V. (2004). *Semiótica visual – os percursos do olhar*. São Paulo: Contexto.